

Green Text: um tecnogênero na mídia Facebook?

Green Text: a technogenre in Facebook media?

João Pedro de Andrade SOUSA (UFC)
jpandrade262@gmail.com

Marina Rodrigues FALCÃO (UFC)
marinarfalcao09@gmail.com

Mayara Arruda MARTINS (UFC)
mayaramartins@alu.ufc.br

Recebido em: 20 de jan. de 2022.

Aceito em: 02 de mar. de 2022.

SOUSA, João Pedro de Andrade; FALCÃO, Marina Rodrigues; MARTINS, Mayara Arruda. Green Text: um tecnogênero na mídia Facebook?. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 12, n. esp., e2413, p. 34-51, out./2022. DOI: 10.22168/2237-6321-2413.

Resumo: Esta pesquisa, apoiada em Bakhtin (2006), Paveau (2021), Swales (1990) e Marcuschi (2010), tenta reconhecer nos *Green Texts* – doravante GT – a ocorrência, respectivamente, do tripé bakhtiniano, dos traços do tecnogênero, de um propósito comunicativo comum, nessas práticas discursivas que acontecem em mídias digitais, como *Facebook*. Principalmente nesse ecossistema, o GT tornou-se uma prática muito recorrente, o que culminou numa grande comunidade discursiva, por isso nos limitamos a analisar apenas os textos dessa mídia. Para as análises, como forma de consolidação do nosso objetivo, coletamos e analisamos os textos retirados diretamente dos seus meios de realização, com o intuito de evidenciar, por traços genéricos da sua estrutura esquemática própria, que envolve aspectos multimodais – imagem e texto verbal –, a alta interatividade dos atores sociais envolvidos, e as técnicas de armazenamento, busca e gerenciamento que lhe são particulares. Constatamos, mediante as discussões e análises feitas sobre os GT, a presença de certas peculiaridades próprias desse tecnogênero.

Palavras-chave: *Green text*. Tecnogênero. Prática discursiva.

Abstract: This research, through the postulates of (BAKHTIN,2006), (PAVEAU, 2021) (SWALES,1990) and (MARCUSCHI, 2010) tries to recognize in Green Texts – henceforth GT – the occurrence, respectively, of the bakhtinian tripod, of the traits of technogenre, the communicative purpose and semiological aspects pertaining to this discursive practice in digital media, such as Facebook. In this media, the GT became a very recurrent practice, which culminated in a large discursive community, so we limited the analyzes only in texts of this media. For the analyses, as a way of consolidating our goal, we collect and analyze texts taken directly from their means of realization, in order to highlight, through generic traits, their own schematic structure, which involves multimodal aspects – image and verbal text –, the high interactivity of its enunciators, and the method of storage, search and management, which served to verify the particular aspects to this practice. We conclude, then, through the discussions and analyses made about the GT, the presence of certain particularities that make up a standard for this discursive practice.

Keywords: Green text. Technogenre. Discursive practice.

Introdução

No século XXI, com o avanço das interações nas redes sociais e, mais precisamente, com a ascensão dos textos nativos digitais (PAVEAU, 2021, p. 27), a Linguística Textual vem buscando analisar essa nova forma de textualidade de acordo com seus critérios de análise. A partir disso, novas formas de interação, que ocorrem por meio de várias mídias, vêm despertando o interesse para a realização de estudos voltados para o campo textual.

Por isso, decidimos, neste artigo, lançar um olhar, ainda bastante seminal, sobre o *Green Text* e sua estrutura esquemática própria – imagem e texto verbal –, com o objetivo de evidenciar, por meio dessa estrutura e de seus traços genéricos, a alta interatividade dos atores sociais envolvidos e as técnicas de armazenamento, busca e gerenciamento que lhe são próprias. Intentamos, por meio de articulações teóricas com os critérios que caracterizam um tecnogênero, apresentar o *Green Text* como tal. Para isso, utilizamos *prints* de tela retirados da mídia *Facebook*.

Destacamos a relevância deste artigo por seu ineditismo, uma vez que nosso objeto de investigação – o *Green Text* – não tem sido foco de pesquisas em Linguística, embora seja uma prática bem comum no contexto digital. Além disso, a ascensão dos estudos em Análise do Discurso Digital tem muito a agregar às análises da Linguística Textual, tendo em vista seu anseio de contribuir para que os estudos do texto incorporem, em suas análises, a investigação acerca das novas textualidades e dos gêneros digitais e continuem acompanhando as evoluções das pesquisas que envolvem o hibridismo homem-máquina.

Nosso artigo encontra-se dividido em quatro seções. Na primeira, apresentamos a caracterização genérica do *Green Text*. Em seguida, explanamos sobre o tecnogênero, seu propósito comunicativo e os critérios que nos levam a defini-lo como tecnogênero. Por fim, procedemos às análises, discussões e conclusões.

A caracterização do *Green Text*

O *Green Text* (doravante GT) surgiu em uma plataforma chamada *4Chan* (exemplo 1), um *website imageboard*¹, que funciona como um fórum de discussões. Inicialmente, esses fóruns eram divididos em tópicos – cada tópico abordava uma temática diferente, normalmente voltada para o entretenimento da cultura oriental, como animes e mangás. Atualmente, após a popularização desse *website*, os tópicos variam bastante, a ponto de temas como literatura, política e até jogos *on-line* terem um grande espaço na plataforma.

Nesse contexto, por ser um *imageboard*, o *4chan* baseia-se em publicações de imagens seguidas de texto escrito, geralmente de forma anônima – as únicas contas que podem ser vinculadas são as contas dos administradores. Assim, a plataforma foi tomando grandes proporções, principalmente, quando seus efeitos começaram a se tornar conhecidos. Um desses efeitos era causado quando se utilizava o sinal “>”, o que deixava o texto verde, como podemos ver no exemplo 1, dando um destaque maior para o que estava escrito – por isso o nome *Green Text*.

Exemplo 1 – Postagem no *4Chan*



Fonte²: Instagram @greentexts, 2021.

¹ “Imageboards são construções de imagens que auxiliam na visualização do público-alvo, do contexto do tema, da estética buscada e outros aspectos relevantes visualmente para o projeto.” (MARTIN; HANINGTON, 2012, p.14 *apud* DA SILVEIRA, 2016, p. 42).

² Disponível em: https://www.instagram.com/p/CPUAssIsk4z/?utm_medium=copy_link. Acesso em: 01 out 2021.

Desse modo, foram surgindo, em meados de 2010, alguns textos com esse símbolo antecedendo a escrita, os quais passaram a ser conhecidos como “*green texts*”. Não existe um registro da primeira aparição desse gênero, pois os arquivos do site já se perderam. O importante para nós é perceber que o modelo de escrita foi disseminado e migrou para outros sites e grupos *on-line*, além de algumas comunidades discursivas terem sido criadas especificamente para compartilhar a produção desses textos.

Até a produção desta pesquisa, essa prática textual nos parece ser mais utilizada em algumas redes sociais como o *Facebook* (exemplo 2), o *Instagram* (exemplo 3) e o *Twitter* (exemplo 4), como exemplificamos a seguir:

Exemplo 2 – *Green Text* no Facebook

 **GT's 10/10**
28 de julho de 2020 às 19:29 · 🌐

>ontem
>aqui perto da cidade onde eu moro, teve fuga de 15
presos da delegacia
>tirroteio e muito pânico
>hoje
>a policia soltou a foto dos presos que saíram
>um é a minha cara
>denunciaram minha casa achando que eu era o preso
>policia veio em casa
>estou rezando pra ele não ser jack



37 compartilhamentos

Fonte³: Facebook GT's 10/10, 2020.

³ Disponível em: <https://www.facebook.com/115418246494351/posts/320097952693045/?d=n>. Acesso em: 01 out 2021.

Exemplo 3 – Green Text no Instagram



Fonte⁴: Instagram @gtsdezbarradez, 2020.

⁴Disponível em: https://www.instagram.com/p/CGldG_9M6ys/?utm_medium=copy_link. Acesso em: 02 out 2021.

Exemplo 4 – Green Text no Twitter



Fonte⁵: Twitter @gts1010, 2021.

Optamos por exemplificar as postagens por meio da união de *prints* de tela para contemplar o *post* em sua completude. Por exemplo, a postagem do GT no *Instagram* foi feita a partir do mecanismo de carrossel da plataforma, que possibilita que várias imagens pertençam a um único *post*, como se formassem um compósito de gêneros (Cavalcante, 2021). Nesse tipo de recurso, podemos identificar qual imagem do carrossel estamos vendo – até dez imagens – conforme “as bolinhas” na parte inferior do *post* forem “se movendo”, mudando de cor. O usuário que visualiza o *post* do exemplo do *Instagram* (exemplo 3) pode se orientar diante da postagem, sabendo, por exemplo, que a imagem do menino com a bola, que compõe o *post* total, é a terceira e última desse carrossel, pois a terceira, dentre as possibilidades de três bolinhas, está azul.

A partir desses exemplos, percebemos que alguns padrões nas formas dos GT ainda continuaram, mesmo estando em outras plataformas, como: i) as marcações do símbolo “>” antecedendo todas as frases; ii) o início marcando um tempo na construção da narrativa; iii) o trecho imagético dialogando com o trecho verbal, o que torna o GT fundamentalmente multissemiótico, com o imagético sempre disposto no final das histórias – a marca principal dos *Imageboard*.

⁵ Disponível em: <https://twitter.com/gts1010/status/135896327475111174?s=21>. Acesso em: 02 out 2021.

O tecnogênero e o seu propósito comunicativo

Os chamados gêneros digitais emergentes trouxeram grandes modificações – dentro dos meios virtuais – a alguns gêneros preexistentes, como é o caso do e-mail, utilizado na internet, e a sua relação com a carta, utilizada fora da internet (YATES, 2000, p. 233, *apud* MARCUSCHI, 2010, p. 46). Estamos propondo considerar os GT como gênero digital emergente, mesmo tendo ciência da dificuldade que é conceituar essas práticas textuais no contexto digital. Como afirma Marcuschi:

O grande risco que corremos ao definir e identificar esses gêneros [emergentes] situa-se na própria natureza da tecnologia que os abriga. Seu vertiginoso avanço pode invalidar com grande rapidez as ideias aqui expostas, o que nos obriga a ter muita cautela. (MARCUSCHI, 2010, p. 25)

Araújo e Lima-Neto (2009) também comentam sobre os riscos de analisar esses gêneros digitais sob a perspectiva dos estudos clássicos, principalmente, por suas rápidas mutações. Assim como os autores encontraram riscos em analisar o *Scrap* na mídia *Orkut*, teremos riscos semelhantes ao analisarmos os GT em diferentes ecossistemas.

Para isso, estamos considerando o conceito de tecnogênero (PAVEAU, 2021), que nos parece adequado para a análise que nos propomos a realizar. Para Paveau (2021, p.328), “o tecnogênero [...] é dotado de uma dimensão compósita derivada de uma coconstituição do linguageiro e do tecnológico.” Sendo assim, o tecnogênero é um gênero discursivo ambientado em um meio tecnológico.

Para identificar um tecnogênero, Paveau (2021, p. 327) utiliza seis traços propostos por Beaudoin (2014), os quais tentamos aplicar aqui às práticas dos GT.

O primeiro traço apresentado para a composição de um tecnogênero é o das **restrições de quadros sociotécnicos**: um tecnogênero deveria ser concebido pela junção do homem e da máquina integrados em um interesse comum. Na proposta da autora, há uma imbricação humano-máquina, numa visão pós-dualista⁶ das práticas de linguagem. A partir da escrita feita pelo homem e acomodada às condições da máquina, cada parte tem uma função definida, e cada

⁶ “Para o tratamento ecológico dos discursos, projeta-se uma linguística de perspectiva pós-dualista, na qual não há ruptura entre a ordem linguística e extralinguística, entre discurso e contexto (implicando, neste, também ferramentas tecnológicas digitais), a ordem da linguagem e a da realidade formam um *continuum*””. (PAVEAU, 2021, p. 27).

texto vai se adequar às “pressões”, restrições, possibilidades técnicas e sociais do ecossistema em que terá circulação.

O segundo traço é o da **existência de socioletos ligados a ecossistemas particulares**: diz respeito às características próprias da comunidade e dos usuários que utilizam aquele tecnôgenero, além das adequações aos ambientes onde os tecnôgeneros circulam.

O terceiro traço apresentado pela autora é o de **linhagens genéricas reconhecíveis para além das inovações tecnológicas**. Poderíamos associar esse traço a, pelo menos, duas características propostas por Bakhtin para o reconhecimento de um gênero: o estilo e a forma composicional, além da possibilidade de transmutação. No caso dos GT, a mutabilidade é, na verdade, sua principal característica, pois sua capacidade de transmutação é estimulada pelas inovações tecnológicas. Um aspecto que evidencia rapidamente essa característica é a marca “>” no início, indicando temporalidade/espacialidade no cotexto. Por essas indicações de espaço e tempo no cotexto, concebemos que essa marca cumpre uma função dêitica na composição dos GT.

O quarto traço é o de **explicitação das normas (onipresença dos guias de uso)** e diz respeito ao conjunto de regras que caracterizam o tecnôgenero, padronizando-o e permitindo que os usuários, por meio dele, exerçam determinadas práticas sociais.

A **proximidade entre a prática e a norma** consiste no quinto traço, que explicita a relação entre as normas de produção e circulação dos tecnôgeneros e as práticas discursivas, objetivo primordial de qualquer gênero. Quanto mais padronizado, mais fácil de identificar o gênero. São as normas que ajudam a escolher, formatar e utilizar o gênero mais adequado a alguma prática. Por outro lado, é a prática que definirá qual gênero utilizar e, conseqüentemente, quais normas seguir para cumprir o propósito comunicativo – é uma via de mão dupla.

O sexto e último traço é o que fala sobre **interação leitura-escrita e ritmos de escrita**. No tecnodiscurso, quanto mais o conteúdo escrito chama a “atenção” do interlocutor para a leitura, maior é a propagação daquele gênero. No caso dos GT, a escrita é ditada pela dinamicidade e pela narratividade da história, que tende a ser curta, formada por períodos também breves. O ritmo da escrita parece dizer respeito à frequência com que esses textos aparecem nas comunidades em que circulam. No caso das comunidades do *Facebook* voltadas à interação por meio dos GT, a frequência costuma ser diária, gerando um

ritmo acelerado na produção, recepção e circulação desses tecnôgeneros, mas isso também costuma acontecer em outros ecossistemas.

Assim, além dos traços definitórios dos tecnôgeneros sugeridos e discutidos por Marie-Anne Paveau, não deixamos de remeter a estudos dos gêneros numa perspectiva dualista, pela pertinência de inúmeros aspectos já tratados por especialistas na área, como Marcuschi (2008 [2010]), Bakhtin (2006) e Swales (1997).

As contribuições dos estudos dualistas de gênero

Alguns pressupostos não podem ser negados, nem mesmo quando se parte do princípio do hibridismo homem-máquina. Os mais relevantes deles advieram de Bakhtin (2006), para quem a definição de língua é procedente da prática interacional e se concretiza em forma de enunciados procedentes de diferentes campos da atividade humana. Portanto, as análises no tocante a construções genéricas evoluíram com a ampliação do conhecimento sobre as práticas dos gêneros, sobre as esferas sociais de circulação e sobre as formações ideológicas dos diferentes grupos, e não pela consideração de um sistema ornamental da língua relacionado exclusivamente à literatura e à retórica.

Em “A Estética da Criação Verbal” (2006), Bakhtin sugere uma definição de gênero cujos traços não podem ser contestados por uma visão pós-dualista, mas complexificados por ela. Para o autor, os gêneros são tipos relativamente estáveis de enunciados, que podem ser examinados por um tripé conceitual formado por: i) estrutura composicional; ii) conteúdo temático; e iii) estilo – conforme apresentado a seguir.

- i) Estrutura Composicional: a estrutura – ou forma – pode ser considerada, de maneira mais ampla, como o esquema de forma pelo qual as sociedades o identificam convencionalmente, como a provável estruturação do texto em partes – parágrafos, linhas, palavras, disposição etc.;
- ii) Conteúdo Temático: liga-se a relações dialógicas que o enunciado pode estabelecer com outros. Qualquer enunciado produzido toma como base algum outro com aquele mesmo tema ou assunto. Desse modo, o conteúdo temático tem alguma previsibilidade relacionada ao gênero, mas também vai sofrendo modificações, dependendo das práticas sociais a cada tempo;

- iii) Estilo: por ser individual, o estilo autoral é percebido pelo grupo social que conhece as obras de dado autor, mas alguns desses traços estilísticos vão formando determinado padrão. Esse padrão pode ser comum também a determinados grupos em certo tempo e em certa cultura, de modo que os gêneros em parte se estabilizam pelo reconhecimento de um dado tipo de práticas interacionais e de relações interpessoais de (in)formalidade.

Como mostra Araújo (2021), ao citar Bhatia (2001), três aspectos devem ser analisados em qualquer abordagem de gêneros: o conhecimento convencionalizado, a versatilidade genérica e a tendência para a inovação. O tripé composição, tema e estilo deve, a nosso ver, ser sempre tomado nessa instabilidade entre o que é convencionalizado socialmente e o que é passível de inovação.

Além de destacar esses pontos, o círculo bakhtiniano também trata do intuito discursivo, que, posteriormente, foi retomado nos estudos de Swales (1990) como “propósito comunicativo”. Para Swales (1990, p. 58), o gênero “compreende uma classe de eventos comunicativos cujos membros compartilham certo conjunto de propósitos comunicativos”. Dessa forma, o propósito comunicativo, em certa medida, determina um “molde” esquemático para o gênero em um dado contexto e pode interferir diretamente no conteúdo e no estilo, como afirmam Kay e Dudley-Evans (1998).

Essas características mais gerais precisam, a nosso ver, serem apenas repensadas à luz de uma ecologia digital, proposta por Paveau (2021). Marcuschi (2010) já atentava, em “Hipertexto e Gêneros Digitais”, para alguns parâmetros que acreditava, na época, poderem diferenciar os gêneros emergentes nos meios digitais. Para o autor, deveriam ser considerados na análise desses gêneros parâmetros como: tempo; participantes; número de interlocutores; quantidade de texto permitida; limites impostos à revisão; grau de automatização das operações; método de armazenamento, busca, gerenciamento dos textos; e riqueza e variedade dos sinais – texto, som, imagem etc. Com a diversificação da comunicação no ambiente digital, vários outros aspectos devem ainda ser acrescentados, como bem mostra Paveau (2021).

Vale salientar que Marcuschi (2010, p.39) já apontava para a alta interatividade como uma das características mais importantes desses gêneros do ambiente digital, e para o caráter síncrono, mesmo em modalidade escrita, que tipificavam essas interações. Para o autor, isso é uma marca do caráter inovador dessas novas práticas textuais que

possibilitam a incrementação de elementos multimodais – imagens, fotos e sons – o que ele define como integração de recursos semiológicos.

Embora possamos reconhecer o GT como um gênero por essas perspectivas teóricas, nossas análises seguirão os pressupostos de Paveau (2021), tendo em vista a perspectiva pós-dualista, segundo a qual todas as ações linguageiras humanas se mesclam com gestos tecnológicos. Essa escolha teórico-metodológica responde adequadamente ao que estamos pleiteando: que o GT seja entendido como um gênero nativo digital, por já ter nascido em meio à imbricação humano-máquina, própria de qualquer tecnogênero, que só existe *on-line* e que apresenta traços de composição, tema e estilo que lhe são particulares.

Assim sendo, confirmamos a necessidade do estudo do GT como tecnogênero que exerce determinada prática social nas comunidades em que circula e busca, à sua maneira, atender a determinado princípio de influência.

Análise dos GT

Como recorte para as análises dos GT neste trabalho, elegemos dois exemplos originados do grupo “GT 10/10”, retirado da mídia *Facebook*.

44

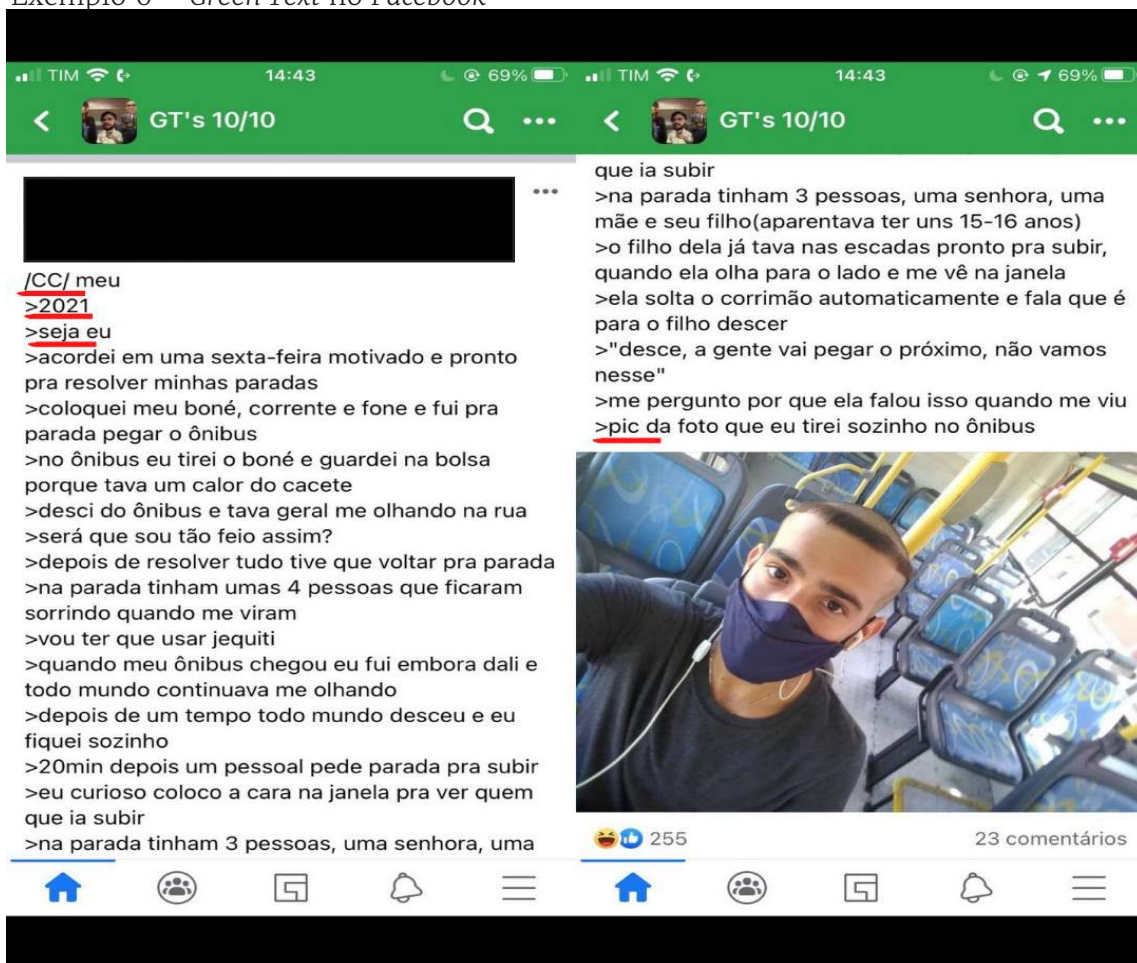
Exemplo 5 – Green Text no Facebook



Fonte⁷: Facebook GT's 10/10, 2021.

⁷Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/gtsabertos/permalink/1637492299789367/>. Acesso em: 05 out 2021.

Exemplo 6 – Green Text no Facebook



Fonte⁸: Facebook GT's 10/10, 2021.

Nos GT selecionados (exemplos 5 e 6), é possível identificar os seis traços que caracterizam um tecnogênero. A partir de uma busca no Facebook, esse ecossistema indicou o grupo GT 10/10 como o mais relevante da plataforma. Isso comprova o primeiro traço característico do tecnogênero: o interesse em comum entre o homem e a máquina. Nesse ecossistema, os resultados de busca são apresentados conforme o nível de relevância que possuem naquele ambiente digital, e a temática cotidiana e simples é uma constante.

O segundo traço, que mantém relação com os socioletos e revela uma marca estilística importante deste gênero, pode ser encontrado nas expressões:

- “/cc/” (utilizada para apontar quando um GT é copiado e colado);
- “seja eu” (utilizada como uma forma de contato entre os

⁸Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/gtsabertos/permalink/1638865842985346/>. Acesso em: 05 out 2021.

interlocutores, por meio de um posicionamento metadiscursivo e, ao mesmo tempo, um engajamento de quem lê);

- “**pic**” (geralmente utilizada para apresentar a foto);
- “**10/10**” (utilizada para classificar algo como bom ou ruim);
- “**ban**” (que é a redução de “banir”);
- “**sentença**” (que é semelhante ao que é usado nos tribunais,

como uma decisão de um juiz para que o membro banido seja aceito de volta no grupo).

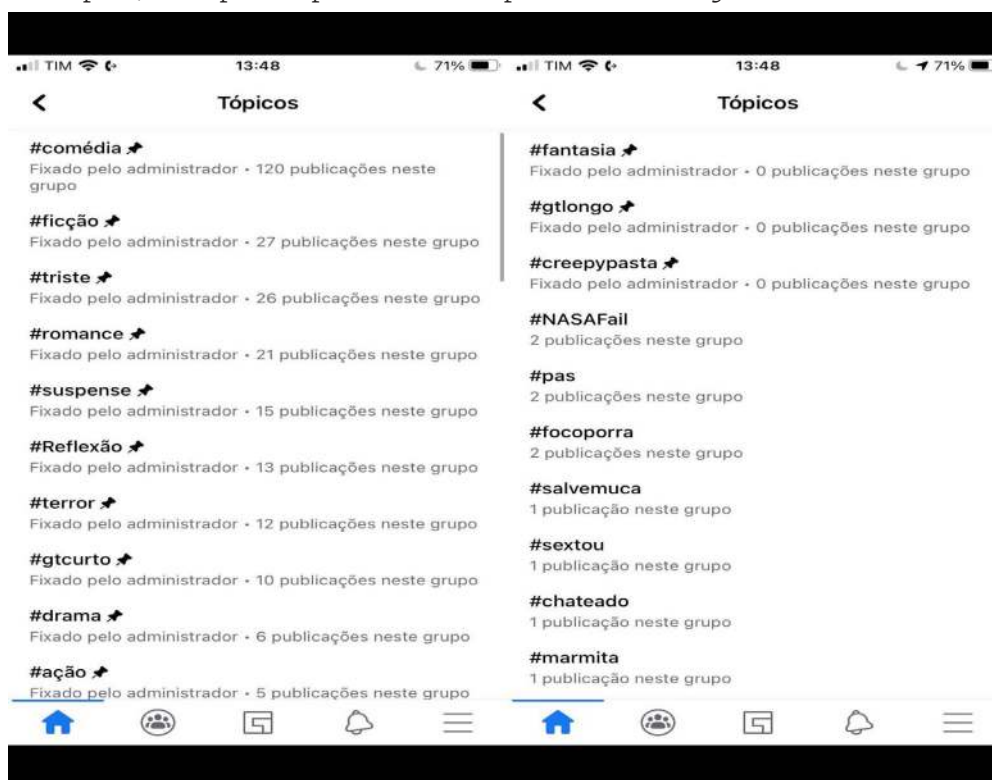
O terceiro, o quarto e o quinto traço regem a forma e o estilo do tecnogênero. No GT, como podemos ver nos exemplos selecionados, encontramos o símbolo “>” antecedendo todas as orações; o trecho verbal e o trecho imagético formando um texto só, o que dá ao GT a característica fundamental de se formar a partir de uma construção multissemiótica⁹; e a marcação de tempo e espaço no início das narrativas “**2021**” e “**séc 2k19**”.

Por último, o sexto traço revela o modo como a prática ainda é utilizada. Quanto mais o texto for lido e escrito, maior será a sua propagação no contexto digital. O GT é oriundo da plataforma 4Chan e, atualmente, podemos encontrá-lo em outros ecossistemas, com a adesão de vários membros. Em cada ecossistema, ele comporta aspectos ora semelhantes, ora distintos, o que faz do GT uma verdadeira constelação de gêneros (Araújo, 2021, p.25), já que o gênero se acomoda às imposições de cada ecossistema. Além disso, o ritmo e a frequência da escrita nessas comunidades, por parte dos membros que dela fazem parte, costumam ser intensos.

No que diz respeito ao conteúdo temático dos GT, há variedades, mas todas giram em torno de histórias reais ou fictícias contadas pelo autor. Normalmente, os GT trazem uma quebra de expectativa que proporciona o humor, e, como percebemos em alguns grupos dessa comunidade, existem certas regularidades, como podemos ver nas imagens a seguir:

⁹ Marcuschi (2010, p.39) já reflete sobre a integração desses recursos semiológicos, que é justamente a junção de elementos multimodais na prática discursiva nesses ambientes digitais, tendo-a como uma marca do caráter inovador dessas novas práticas textuais.

Exemplo 7 – Tópicos apresentados a partir de *hashtags*



Fonte¹⁰: Facebook GT's 10/10, 2021.

No estilo, encontramos alguns textos formais e outros informais, pois variam de acordo com situação comunicativa socialmente contextualizada. Como padrão, notamos que a maioria se vale da escrita informal, o que é típico dos gêneros cômicos. Isso reforça o pressuposto de Swales (1990, p.58.) de que um gênero é uma classe de eventos comunicativos cujos membros inseridos compartilham um propósito comunicativo maior. Essa classe de eventos fixa um “molde” esquemático que termina interferindo diretamente no conteúdo e no estilo dessa prática discursiva. Com isso, pensamos que o propósito comunicativo dos GT é narrar acontecimentos vividos, ou não, pelos narradores e, além disso, entreter os leitores e membros da comunidade de que fizeram parte, em um dado ecossistema, como é o caso do *Facebook*.

Em nossas análises, constatamos que, no *Facebook*, os GT são armazenados em alguns tópicos marcados pelo uso das *hashtags* (#) – exemplo 7 –, que direcionam os leitores aos tópicos desejados por eles, assim servindo como uma espécie de filtro para as buscas. Por gerarem linkagem para outros textos e, por vezes, por representarem a relação evidente entre textos, consideramos as *hashtags* como hipertextuais e intertextuais.

¹⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/gtsabertos/?ref=share>. Acesso em: 05 out 2021.

Quanto às relações interpessoais, o número de interlocutores varia de acordo com o ecossistema, mas, em todas as plataformas, a comunidade discursiva é bastante considerável, como podemos ver nas imagens a seguir:

Exemplo 8 – GT 10/10 – página do Facebook



Fonte¹¹: Facebook GT's 10/10, 2021.

Exemplo 9 – GT 10/10 – página do Twitter



Fonte¹²: Twitter @gtsdezbarradez, 2021.

¹¹ Disponível em: https://www.facebook.com/gtsdezdez/https://instagram.com/gtsdezbarradez?utm_medium=copy_link. Acesso em: 06 out 2021.

¹² Disponível em: <https://twitter.com/gtsdezbarradez?s=11>. Acesso em: 06 out 2021.

Exemplo 10 - GT 10/10 - página do
Instagram



Fonte¹³: *Instagram* @gtsdezbarraquez,
2021.

Embora nos três ecossistemas mostrados as comunidades dos GT tenham alto número de seguidores, a maior representatividade da comunidade no *Facebook* foi o fator principal para nossa escolha analítica por esse ambiente digital.

Conclusão

No presente artigo, evidenciamos a presença de certas particularidades que podem comprovar a prática discursiva dos GT como uma constelação de gêneros que se diversificam conforme as condições exigidas pelo ecossistema em que se realizam. Os GT mostram, em seu conteúdo e forma, o caráter semiológico que integra trecho verbal e trecho imagético numa multimodalidade e que regularizam um “molde” esquemático, típico de sua composicionalidade. Essa união entre diferentes semioses é característica da própria composição do GT.

Foi possível identificar algumas características particulares na forma como o GT é apresentado, como a marcação de tempo e espaço no início. Também pudemos identificar certos elementos estilísticos, como o sinal “>”, que cumpre uma função dêitica nos GT, por marcar o tempo e o espaço, os dialetos da comunidade e o uso de *hashtags* como recursos de hipertextualidade e de intertextualidade, pelo evidente traço de linkagem e relação entre os textos.

¹³ Disponível em: https://instagram.com/gtsdezbarraquez?utm_medium=copy_link. Acesso em: 06 out 2021.

No tocante ao propósito comunicativo, concluímos que o GT tem como finalidade narrar acontecimentos reais ou fictícios, com o intuito de gerar entretenimento para a comunidade discursiva de que os membros participam, com o seu estilo próprio.

Embora ainda haja necessidade de mais investigações para aprofundamento de discussões acerca do *Green Text*, o que deixamos aqui como sugestão para trabalhos futuros, esta pesquisa tem a originalidade de apresentar o GT como tecnogênero. Os estudos de Paveau (2021) sobre tecnogêneros e sobre a Análise do Discurso Digital, de forma mais ampla, dão início a uma nova conceituação para as práticas textuais no tecnodiscurso, o que contribui para novas pesquisas em Linguística Textual que se interessem por investigar o funcionamento desses gêneros e seu impacto na sociedade.

Referências

ARAÚJO, J. C.; NETO, V. DE L. Gêneros Digitais em emergência: uma proposta de análise do Scrap do Orkut. **Revista do GELNE**, v. 11, n. 2, p. 38-52, 3 mar. 2009.

ARAÚJO, J. **Constelação de gêneros: a construção de um conceito**. São Paulo: Parábola Editorial, 2021.

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. **Os gêneros do discurso**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BHATIA, Vijay K. Análise de Gêneros Hoje. Tradução de Benedito Gomes Bezerra. 2001.

BEAUDOUIN Valérie, 2014. **Comment se constituent les genres à l'ère du texte numérique?**. IN: D. Ablali, S. Badir e D. Ducard (org.). Documents, textes, œuvres. Perspectives sémiotiques. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, p. 153-166.

CAVALCANTE, M. M. **Compósitos de gêneros no ambiente digital**. Youtube, 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Img2LZV8Now&t=292s>>. Acesso em: 07 fev. 2022.

CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P.; CUSTÓDIO FILHO, V.; CORTEZ, S. L.; PINTO, R. B. W. S.; PINHEIRO, C. L.. O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória (ES), v. 13, n. 25, p. 25-39, 2019.

KAY, HEATHER, AND TONY DUDLEY-EVANS. "Genre: What teachers think." (1998): 308-314.

MARCUSCHI, L. A.. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARTIN, B.; HANINGTON, B.. **Universal Methods of Design**. Estados Unidos: Rockport, 2012.

PAVEAU, M-A. **Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas**. Organização de Júlia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. São Paulo: Pontes, 2021.

SWALES, J. M. **Genre analysis: English in academic and researching settings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.